

**RECENSÃO CRÍTICA DE “UBIRATAN D’AMBROSIO: MEMÓRIAS ESPARSAS EM MOVIMENTO” (2020) DE ANA BAPTISTA**

CRITICAL REVIEW OF “UBIRATAN D’AMBROSIO: MEMÓRIAS ESPARSAS EM MOVIMENTO” (2020)  
BY ANA BAPTISTA

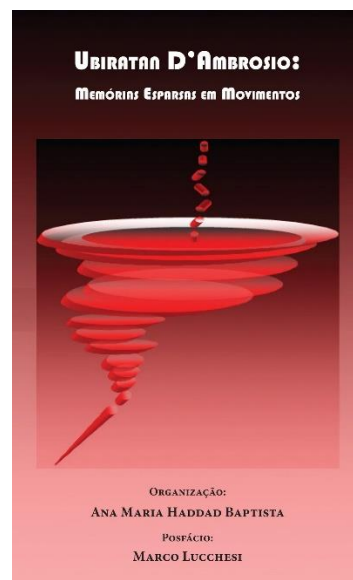
RESEÑA CRÍTICA DE “UBIRATAN D’AMBROSIO: MEMÓRIAS ESPARSAS EM MOVIMENTO” (2020)  
DE ANA BAPTISTA

**Aline Andréia Nicolli & Itamar Miranda da Silva**

Universidade Federal do Acre, Brasil  
aanicolli@gmail.com

*Ubiratan D’Ambrosio é uma voz rara. Suas experiências de vida, assim como sua trajetória, oferecem um quadro animador face ao futuro incerto e oscilante que, continuamente, nos aguarda. (BAPTISTA, 2020)*

Esta resenha se propõe a apresentar memórias de Ubiratan D’Ambrósio. Elas estão reunidas no livro *Ubiratan D’Ambrosio: memórias esparsas em movimento*, cuidadosamente organizado por Ana Maria Baptista Haddad, para permitir ao leitor a compreensão de aspectos da trajetória pessoal, profissional e, principalmente, intelectual do professor, pensador e pesquisador.



**Figura 1** Capa do livro - Ubiratan D’Ambrosio – Memórias esparsas em movimento

A obra apresenta Prefácio, Primeira e Segunda Partes e, por fim, o Posfácio. O Prefácio, de autoria de Ana Maria Baptista Haddad, inicia chamando a atenção do leitor para o fato de que a memória é uma das mais misteriosas e complexas dimensões do ser humano. Além disso, destaca a importância da recuperação das memórias como parte indispensável de um processo contínuo de movimentos e lampejos que permitem lançar um novo ou um outro olhar ao passado. Assim, recuperar as memórias de Ubiratan D'Ambrosio implica reconhecer a trajetória de um ser que sempre desconheceu o cansaço, as paixões tristes e o desânimo, e que, ao olhar suas memórias, se transformava, transformava sua atuação, possibilitava e ainda possibilita, aos outros, transformarem suas atuações neste mundo tão desigual e permeado por injustiças.

A primeira parte nos brinda com um *Relato Autobiográfico* escrito pelo Professor Ubiratan. Neto de imigrantes italianos, desde criança ouvia os avós contando como era a vida deles e, por isso, sempre se preocupou em manter presente em sua vida a sua origem, sua história e suas raízes. Seu Pai, embora formado em Direito, se identificava com a Matemática e, por isso, se tornou Professor de Matemática Financeira. Apaixonou-se e se casou com uma aluna, e desse casamento, nasceu, em 08 de dezembro de 1932, Ubiratan. Em junho de 1939, nasceu Lara, sua irmã, e em novembro de 1942, seu irmão mais novo, Ubirajara. Ubiratan fez vestibular na USP<sup>1</sup>. Obteve, assim, uma formação sólida, no Curso de Graduação em Matemática, com formação em bacharelado [1954] e em licenciatura [1955]. Em 1955, sua família mudou e foi morar na Avenida Pompéia. Logo, a família D'Ambrosio, da casa nº 486, e a família Silva, do nº 476, desenvolveram grande amizade e, em junho de 1958, Ubiratan e Maria José Silva, uma das filhas da família Silva, se casaram. Eles tiveram dois filhos: Beatriz (nascida em 1960 e falecida em 2015) e Alexandre (nascido em 1962). Ubiratan teve quatro netas: Rafaela e Gabriela, filhas de Beatriz, e Maria Eugênia e Maria Alice, filhas de Alexandre. Na sequência, o livro nos permite acessar três entrevistas que apresentam, ao leitor, aspectos articulados da vida e da obra de Ubiratan D'Ambrosio, a saber:

(a) *A primeira entrevista*, dada ao Professor Carlos Roberto Vianna, e textualizada por ele em parceria com Maria Ednéia Martins Salandim, Fábio Bordignon e Leandro Josué de Souza, apresenta as principais experiências pessoais e profissionais vividas pelo Professor Ubiratan e que implicaram a sua escolha pela Matemática e, depois, pela Educação Matemática. Ubiratan iniciou sua trajetória profissional, a qual, segundo ele, caracterizou-se como uma sucessão de privilégios, atuando por vários anos como Professor em Escolas Secundárias. Desde o início, a Educação [já que, na época, ainda não existia a denominação Educação Matemática] se fazia presente em sua vida profissional. Sua primeira atuação no Ensino Superior foi na PUC<sup>2</sup>, Campinas. Foi em 1957 que Ubiratan escreveu seus primeiros trabalhos sobre Educação Matemática e participou do Colóquio Brasileiro de Matemática, ocasião na qual conheceu três professores, italianos, de Matemática, da Escola de Engenharia da USP de São Carlos. Dentre eles, o professor Cecconi, responsável pelo convite que recebeu para dar aulas naquela Universidade. Era 1958, quando, recém-casado, mudou-se para São Carlos e iniciou sua atuação na USP. Foi, segundo Ubiratan, um período maravilhoso, não só pelo convívio pessoal, mas pelo aprendizado. Sua atuação como professor foi influenciada pela experiência que teve quando era Professor Assistente de Cecconi. Nesse período, aprendeu a ser professor, sobretudo ante “*a velha história do mestre que ensina o aprendiz*” (p. 33). Foi durante esse período que Ubiratan diz ter aprendido como se organiza

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica.

uma sala de aula, como se prepara um curso, e mais do que isso, sobre a importância da seriedade docente e do respeito pelos alunos, pois não se pode entrar numa sala sem ter pensado, muito antes, que aqueles que se sentam para ouvir merecem todo respeito. Além disso, nesse período, também cursava doutorado e teve a oportunidade de, pelas mãos de Cecconi, passar pouco mais de um ano na Itália, desenvolvendo atividades no Instituto de Matemática, na Universidade de Gênova. Durante esse período, foi convidado para apresentar seminários nas principais universidades em que tinha gente envolvida com Cálculo de Variações. Em dezembro de 1963, já no Brasil, completou e defendeu a tese. Em janeiro de 1964, atendendo a um convite recebido, ainda antes da defesa de sua tese, Ubiratan viajou com a família para os Estados Unidos com o intuito de aprofundar seus estudos sobre Cálculo de Variações. Entre 31 de março e 1º de abril de 1964, ocorreu, no Brasil, o golpe militar, e diante das incertezas existentes no país, acabou ficando lá por mais tempo do que o planejado inicialmente. Viveu um período marcado pela realização de constantes viagens à África, onde atuava, a convite da Unesco<sup>3</sup>, como professor da pós-graduação em um projeto na República do Mali. Foi por ocasião do retorno de uma dessas viagens que sua esposa, Maria José, lhe mostrou duas cartas recebidas do Brasil e que apresentavam convites para voltar e atuar no país: uma era assinada por Heitor Gurgulino de Souza, reitor da UFSCar<sup>4</sup>, e outra, por Zeferino Vaz, da Unicamp<sup>5</sup>. Ubiratan, então, pediu afastamento nos Estados Unidos, para passar dois anos em Campinas. Em Campinas, presencia, primeiro, a alegria e satisfação dos filhos, e depois, seu próprio entusiasmo ante à possibilidade de aproximar seus estudos da História e realizar o primeiro Seminário de História da Matemática. Foi assim que seu interesse pela História superou o interesse pela Matemática Pura e o aproximou ainda mais da Educação Matemática. Nesse contexto, surge o convite, pela OEA<sup>6</sup>, para organizar um curso de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática: o primeiro de toda América Latina. Ante questionamentos da Faculdade de Educação da Unicamp, a proposta foi executada em caráter experimental, o que implicou a oferta de apenas quatro turmas, com 32 vagas [oito de Matemática, oito de Física, oito de Química e oito de Biologia], que eram ocupadas por um estudante de cada estado brasileiro e um de cada país da América Latina. Foi no contexto do Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática que iniciou as pesquisas para observar o comportamento das crianças quando da utilização de novos materiais. Além disso, a proposta desse mestrado se caracterizava por não ter a oferta de disciplinas e era desenvolvido considerando a premissa de que o que dá a motivação para fazer alguma coisa é a realidade, e a Matemática é a realidade, os problemas vêm da situação real, do que está acontecendo, do que o aluno observa, do que o aluno vê, do que o aluno percebe. Essa experiência anuncia, em contexto brasileiro, o que conhecemos atualmente como *a interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade*. Nesse tempo, Ubiratan era considerado um rebelde, correndo fora da raia. Em 1985 e 1986, passou a ser UM dos 35 membros cientistas do mundo inteiro, do comitê diretor do Pugwash<sup>7</sup>, e enquanto dirigiu esse movimento, seu grupo ganhou, em 1995, o Prêmio Nobel da Paz. Lutava pelo fim das guerras nucleares, mas para além disso, pautava suas atividades nas preocupações que tinha com as questões ambientais que permeiam *a Etnomatemática e a Educação Matemática*. Questões que implicam a construção de um mundo com mais dignidade para as pessoas, com menos gente morrendo de fome e com mais gente preocupada com o

---

<sup>3</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

<sup>4</sup> Universidade Federal de São Carlos.

<sup>5</sup> Universidade Estadual de Campinas.

<sup>6</sup> Organização dos Estados Americanos.

<sup>7</sup> Conferências Pugwash sobre Ciência e Negócios Mundiais.

futuro. E, assim, para que as novas gerações conheçam as situações que as gerações mais velhas não souberam como resolver, o Professor Ubiratan conduziu seu trabalho até os seus últimos dias;

(b) *A segunda entrevista, “Ubiratan D’Ambrosio: memórias de um Educador Matemático”,* foi escrita por Aparecida Rodrigues Silva Duarte e Rosimeire Aparecida Soares Borges. Ela apresenta *parte da história de vida do educador matemático brasileiro*, e por isso, sua leitura permite reconhecer que os caminhos da pesquisa inovadora, na área da Educação Matemática, foram os trilhados por Ubiratan e que sua força moral emergiu da coragem com a qual enfrentou os desafios que a vida profissional lhe apresentou. A entrevista foi, segundo as autoras, recheada de momentos de emoção, empolgação, alegrias, tristezas, sucessos e incertezas temperados com saudade, sentimento traduzido pela sua voz, a cada assunto tocado, a cada história contada. As memórias que permeiam os relatos se estendem dos tempos do *“Menino Bira”*, aos tempos do *“Professor, Pensador e Pesquisador Ubiratan”*, e nelas figuram marcas de diferentes personagens, personalidades: aos 6 ou 7 anos, tinha o Tio Mário, uma pessoa importante da família, um dos fundadores das revistas *Inteligência e Viver e do Clube do Livro*; no primeiro e segundo anos do ginásio, a Matemática era ministrada pelo professor Antônio Lellis Villas Boas; História, pelo professor Dante do Prado Lacrete; Geografia, Latim e Francês, ou ainda, Desenho Geométrico, uma disciplina da qual gostava muito. Em 1946, após concluir o ginásio, ingressou no Colégio Visconde de Porto Seguro, em que marcaram presença em suas memórias, dentre outros, o professor de Matemática e Física, Abrão Bloch, e o de Filosofia, Lineu de Camargo Schutzer, que inspiraram grande parte de sua atuação profissional. Biologia era ministrada pelo professor Tabor. A disciplina Química, pelo professor Rômulo Ciolla; os professores Leila Cury e Hamílcar Turelli atuavam em Português, e a disciplina História estava sob responsabilidade do professor Manuel Nunes Dias. Nas palavras de Ubiratan, *“nunca mais tive um curso de História, nunca mais tive um curso de Geografia, nunca mais fui olhar num microscópio, mas tudo aquilo marcou a minha vida [...]”* (p. 72). Dos tempos de Faculdade, na USP, surgem as memórias de colegas que se transformaram em amigos e o relato de que *“eu não posso imaginar uma postura de professor que não seja aquela dos meus professores”* (p. 74). Além disso, destaca seu gosto pela leitura e a importância da frequência assídua às bibliotecas e livrarias. Por fim, relembra que, ainda como aluno de Graduação, iniciou sua trajetória profissional como Professor de Matemática no Colégio Visconde de Porto Seguro, onde outrora foi aluno. Lá eram frequentes as reuniões de professores, os simpósios, seminários e minicongressos com participação de especialistas das diferentes áreas que discutiam questões atinentes à Educação, ao Ensino e, especificamente, à Educação Matemática. Relembra também de que foi no quinto ano do Curso de Matemática que frequentou as disciplinas específicas de formação pedagógica, e destaca a importância de Psicologia da Criança e do Adolescente, ministrada pela Professora Noemi Silveira Rudolf, para sua formação. Era nas aulas dessa disciplina que podia olhar para a criança e problematizar questões relacionadas ao processo de aprendizagem. Foi sob essa influência que sua trajetória profissional, no Brasil, na Itália, nos EUA, na África e, novamente, no Brasil, foi sendo delineada de forma que o cenário existente pudesse ser alterado e se levasse em conta que, ao ensinar uma criança, esta vê o fenômeno e os fatos como um todo. As crianças não enxergam as coisas em separado e isso precisa ser considerado pelos professores e, especialmente, pelos professores de Matemática, dizia Ubiratan. Em meados da década de 1970, motivado pelas experiências vividas, Ubiratan cria, no Brasil, o Movimento de Etnomatemática que, segundo ele, não se esgotava no entender o conhecimento [saber e fazer] matemático das culturas periféricas, mas procurava

entender o ciclo da geração, organização intelectual, organização social e difusão desse conhecimento. E foi em 1995 que, como reconhecimento das suas importantes contribuições no campo da Educação Matemática, foi-lhe concedida a maior condecoração mundial na área da Educação Matemática: a Medalha Felix Klein;

(c) *Na terceira e última entrevista*, o próprio Ubiratan D'Ambrosio relata suas memórias a partir da experiência que viveu na África, na década de 1970, quando foi convidado pela Unesco para ser Professor na República do Mali, atuando como responsável pela cátedra de Análise Matemática de um programa inovador, que tinha como objetivo formar professores para o ensino secundário. Foi construída, na ocasião, uma modalidade nova de cooperação internacional composta por professores viajantes, de forma que cada integrante precisava ir quatro vezes por ano à África, passando, em cada visita, duas a três semanas em atividades com os alunos. Entre as visitas, os alunos trabalhavam independentemente e em grupo, organizando-se e coordenando-se de forma autônoma. Ubiratan fez questão de registrar que, a seu ver, “*do ponto de vista pedagógico, essa é a melhor modalidade de educação*” (p. 118). Além disso, indica a riquíssima diversidade encontrada naquele continente, e mais, exalta quão maravilhosa foi essa experiência para a construção de sua visão de mundo, especialmente pelas marcas que ficaram do ponto de vista humano, da compreensão da natureza humana, de respeito e solidariedade para com o próximo e da responsabilidade familiar. Foi na África que acessou um conceito de homem que procura equilibrar e deixar aflorar e conviver, em um mesmo indivíduo, qualidades tão comuns à espécie, tais como doçura e violência, alegria e tristeza, esperança e fatalismo, e mergulhado nesse contexto, surgiram suas primeiras ideias para *uma teoria de conhecimento transdisciplinar e transcultural*.

Na segunda parte, encontramos, primeiramente, um texto proferido na Unicamp e intitulado *Estratocratização da Sociedade: nacionalismo e soberania*. Depois, podemos acessar *Ocidente, Água e Sabedoria: aprendendo a conviver em paz*, publicado em 2006, no livro *A paz no caminho*, organizado por Dulce Magalhães, e por último, *Considerações Filiais: todos os sonhos do mundo*, de autoria dos filhos, Alexandre Silva D'Ambrosio e Beatriz Silva D'Ambrosio, e publicado em 2007, na Revista Brasileira de História da Matemática.

Em *Estratocratização da Sociedade: nacionalismo e soberania*, Ubiratan D'Ambrósio apresenta uma reflexão sobre os diferentes modelos de sociedade experimentados pela humanidade ao longo de sua história e, a partir disso, situa o amplo conceito de democracia e suas possíveis distorções, focando a análise no setor militar. Nesse contexto, D'Ambrosio destaca, de um lado, a ausência de um conflito armado entre Brasil e outros países, e de outro, a pouca experiência das forças armadas brasileiras em ambiente de Guerra, o que as coloca como mecanismo de defesa. Além disso, aborda dois extremos: o da paz possível e o da guerra no seu máximo de violência, e situa, neles, a responsabilidade do Brasil perante o Ocidente. Esclarece ainda o quanto esse estado permanente de prontidão das forças armadas para a defesa está associado à orientação dos valores que sintetizam o pensamento do conceito estratégico nacional, pautado numa América que luta contra a miséria e a fome e no qual a sociedade estratocrática depende basicamente da detenção dos meios de produção material e intelectual e da criação e manutenção de símbolos adequados ao seu posicionamento. Assim, segundo o autor, a estratocratização da sociedade se manifesta igualmente em estados sob governo militar e/ou civil, e parece constituir parte integrante do modelo científico-tecnológico que resulta do racionalismo ocidental, subordinando valores nacionais e soberania a princípios de natureza corporativa.

Em *Ocidente, Água e Sabedoria: aprendendo a conviver em paz*, Ubiratan D'Ambrósio esclarece o que defende como sendo Ocidente, Água e Sabedoria. Depois, tece reflexões sobre como as três noções, em sentido amplo, permitem abordar a temática da Paz e, para além disso, chama a atenção para o fato de que uma reflexão sobre a Paz pressupõe um entendimento teórico acerca de seu significado. Advoga a favor de um conceito pluridimensional de Paz, que objetive o alcance de uma Paz Total, sem a qual o futuro da humanidade estará comprometido. Segue indicando os elementos da Paz Total: a Paz interior, a Paz social, a Paz ambiental e a Paz militar. Na esteira do exposto, esclarece ao leitor que a Paz não pressupõe a inexistência de divergências e conflitos, mas a resolução delas sem o confronto de forças, sem a violência e sem a utilização de recursos que neutralizem o diferente, e traz para o debate elementos que constituem a Condição Humana e o Fenômeno da Vida. Em relação à primeira, afirma que sua visão de homem repousa na análise das seguintes categorias: cosmos; planeta; vida, como a resolução das relações entre cada indivíduo, outro(s) e a natureza; sobrevivência do indivíduo e da espécie; homem, como uma espécie diferenciada; transcendência; intermediações, criadas pelo homem, entre indivíduo, outro(s) e natureza; comunicação; comportamento; conhecimento e consciência e ética. Destaca ainda que a questão central está em entender a relação entre o indivíduo e o seu comportamento, uma vez que, ao tentar entender “quem é”, “o que é” e “como é”, o homem constrói sistemas de explicações que se organizam, como história, religião, ciência e arte. E na explicação do quanto pode, concebe o poder e determina modos de comportamento e de conhecimento. Por isso, segundo o autor, o comportamento e o conhecimento se constroem sobre crenças intelectuais basilares, sendo, por vezes, o fazer associado ao material, ao corpo, ao manual, e o saber ao espiritual, à mente, ao intelectual. Eis que dessa dicotomia surge, na sociedade moderna, na economia e na própria burocracia, a valorização do saber sobre o fazer, e se constrói, a partir dela, todo um processo de exclusão e de hierarquização que resulta em algo que se traduz, mais ou menos assim: quem sabe manda e quem não sabe faz, em sinal de obediência. Em se tratando da segunda, o fenômeno vida, indicado por ele como inconcluso, complexo e em permanente transformação e, por isso, problematiza a discussão valendo-se da tríade: o indivíduo, o outro e a natureza, e vai além ao dizer que a interdependência desses elementos deve servir de fundamento para entender a vida e o comportamento dos seres vivos. Assim, a sobrevivência humana depende da resolução do triângulo da vida, que se dá no presente espacial e temporal em resposta à pulsão de sobrevivência. Dito de outra forma, tem-se que o comportamento humano resulta de duas grandes pulsões: (a) a sobrevivência e (b) a transcendência. É ainda pelo fenômeno da vida que ocorre o encontro com o outro, que também está em busca de sobrevivência e de transcendência, e na qual se desenvolve a comunicação que permite o compartilhamento do conhecimento gerado por cada indivíduo. Além disso, é a percepção dos acertos e equívocos, desse encontro, que caracteriza o que D'Ambrosio chamou de consciência. É, então, a consciência responsável pela integração da pulsão de sobrevivência e de transcendência, bem como pela determinação de acertos e equívocos na produção e utilização das intermediações criadas pelo homem para sua sobrevivência e transcendência. Valores, assim conceituados, relacionam os meios com os fins e constituem uma ética maior, sem a qual a sobrevivência e a qualidade de ser humano são impossíveis. Mas, então, por que a humanidade caminha em direção contrária a essa ética, sem a qual a espécie humana não pode sobreviver? Segundo Ubiratan, porque, por vezes, os sistemas de valores, da mesma maneira que as ciências e as religiões, são vistos, na cultura ocidental, como saberes concluídos, o que se estende ao conhecimento disciplinar e, conseqüentemente, à educação, que também prioriza a defesa desses saberes. O conhecimento disciplinar evoluiu para a multidisciplinaridade, praticada nas

escolas tradicionais, e para a interdisciplinaridade, ainda difícil de ser conseguida, mas o verdadeiro avanço, abrindo novas possibilidades para o conhecimento, é a transdisciplinaridade. A transdisciplinaridade, assumindo a inconclusão do ser humano, rejeita a arrogância do saber concluído e das certezas convencionadas e propõe a humildade da busca permanente. Sendo assim, devemos subordinar o sistema de valores a uma ética maior, uma ética que cruze culturas e que coloque prioridade na sustentação do triângulo da vida. Uma ética da diversidade que esteja pautada no respeito, na solidariedade e na cooperação. Uma ética que conduz à Paz Interior, à Paz Social e à Paz Ambiental, e conseqüentemente, à Paz Militar. Atingir essa “*Paz Total é o objetivo maior da educação*” (p. 150).

A segunda parte da obra é finalizada com o texto *Considerações Filiais: todos os sonhos do mundo*, de autoria dos filhos, Alexandre Silva D’Ambrosio e Beatriz Silva D’Ambrosio. Nesse espaço, o leitor encontrará uma leitura de Ubiratan D’Ambrosio realizada pelos olhos deles. Para isso, inicialmente, tem-se um destaque a aquilo que, segundo eles, é impossível imaginar: Ubiratan sem a presença marcante da esposa e mãe, Maria José. Depois, ressaltam sua fascinante biblioteca e o quanto esse espaço continha, além de matemática, política, sociologia, direito, filosofia, história, paleontologia, religião, arte, medicina, anatomia, arquitetura, literatura, poesia, linguística, tantos outros saberes. Seguem apresentando o ser humano, o professor, o pensador e o pesquisador e, dessa forma, seus filhos destacam que Ubiratan sempre fez do conhecimento – e da generosidade com quem o partilhava - seu princípio vital e sua mais importante obra. Foi um homem que acreditou em seus alunos, sempre se dispôs a apoiá-los em seus sonhos e ideais. Eles pediam orientação, choravam, queriam desistir, mas sempre, de portas abertas, Ubiratan os recebia em sua biblioteca, os entusiasmava, os incentivava. Para além disso, destacam os preceitos mais importantes de sua filosofia, quais sejam: a humildade perante a diversidade do universo; a consciência de que nossa visão de mundo é apenas uma, dentre inúmeras compreensões possíveis; e a coragem de perseguirmos nossos sonhos. Enfatizam a humildade do saber como tendo sido a base de seus ensinamentos e o alicerce de seu trabalho, e dizem residir nesta humildade a aceitação do outro, as formas alternativas de compreender o mundo, as novas culturas e ideias. Era essa postura que permitia ao educador Ubiratan [e pode permitir a tantos outros educadores] compreender seus alunos, seus sonhos, aspirações e o ambiente. Segundo os filhos, os conceitos de Etnomatemática e Transdisciplinaridade - ao englobar a ideia da diversidade dos ambientes nos quais se desenvolve o conhecimento - são provavelmente as principais referências da obra do pai. Nesses conceitos estão embutidas as propostas de introduzir, na educação, a valorização do indivíduo no contexto de sua própria cultura, buscando recuperar a humanidade e a ética como valores a serem ensinados nas escolas. Essa postura conduz a um modelo de educação voltado para paz, tolerância e, sobretudo, esperança e fé no amor ao próximo. A crença no amor ao próximo – essência do próprio ato de educar — sempre esteve presente em todos os ensinamentos de Ubiratan e foi, sem dúvida, o amor pelo conhecimento o fundamento da carreira do mestre e professor Ubiratan D’Ambrosio e o que lhe permitiu conduzir sua vida e sua carreira esculpindo suas ideias, sua sensibilidade e sua apreciação pela diversidade, fundamento de suas formas de pensar.

Para finalizar, o livro traz o *Posfácio “O que devo a Ubiratan”*, escrito por Marco Lucchesi, que sinaliza seu agrado às memórias híbridas e ao espírito sensível de Ubiratan D’Ambrosio, ao mesmo tempo que enfatiza sobretudo a defesa de novas epistemologias, enucleadas no viés transcultural e no recorte transdisciplinar e, da mesma forma, a Etnomatemática como sendo um divisor de águas no campo dos saberes, que tangencia a hermenêutica e a história da matemática,

rasgando novas fronteiras e evidenciando a existência de apenas um mundo, onde ciências exatas e humanas se entrelaçam, se comunicam e se completam. Culmina elevando o juízo severo de Ubiratan em relação ao Ensino da Matemática segundo um cardápio de sugestões fascinante e afirma que o Ensino da Matemática traduz uma parte do ideal possível de uma Paz perpétua, ou de uma ética em trânsito que sonha com uma parcela razoável, embora luminosa, da Paz. Além disso, Lucchesi indica o leitor como sendo quem terá a deliciosa tarefa de ligar os fios narrativos que cercam a Matemática no Mali e no Brasil.

## **REFERÊNCIAS**

Baptista, Ana Maria Haddad (Org.). *Ubiratan D'Ambrosio: memórias esparsas em movimento*. São Paulo: BT Acadêmica, 2020, 220 pp.